

Ciências Militares: espaço de articulação entre o fenômeno da Guerra e a experiência profissional

Military Sciences: a space for articulating the phenomenon of war and professional experience

Resumo: Trata-se de reflexão acerca da importância da experiência profissional para o aprofundamento do estudo das Ciências Militares, em um contexto da análise do fenômeno da Guerra. Com um viés qualitativo, adotou-se perspectiva dedutiva, a partir de pesquisa bibliográfica, com apoio da análise de conteúdo. Sendo a guerra um fenômeno social concreto, que se expressa no campo de batalha, corrobora-se a perspectiva de que as Ciências Militares se aproximam das Ciências Sociais Aplicadas. Assim, sugere-se que a experiência, decorrente da prática profissional, proporciona elementos de reflexão que contribuem analiticamente com o estudo da Guerra e, consequentemente, aperfeiçoamento das Ciências Militares. Nesse contexto, destaca-se a necessidade de se estruturar uma metodologia coerente para a condução das análises e observações, para evitar a subjetividade e personalismo, assim como relatar o ganho na qualidade das análises com o incremento da experiência como fator substantivo no processo de estudo da Guerra e das Ciências Militares.

Palavras-chave: Ciências Militares; Teoria da Guerra; Educação Militar; Experiência profissional; Análise de conteúdo.

Abstract: This is a reflection on the importance of professional experience for the deepening of the study of Military Sciences, in a context of the analysis of the phenomenon of War. With a qualitative bias, a deductive perspective was adopted, based on bibliographic research, with the support of content analysis. Since war is a concrete social phenomenon, which is expressed on the battlefield, the perspective that Military Sciences are close to Applied Social Sciences is corroborated. Thus, it is suggested that experience, resulting from professional practice, provides elements of reflection that contribute analytically to the study of War and, consequently, to the improvement of Military Sciences. In this context, the need to structure a coherent methodology for conducting analyses and observations is highlighted, in order to avoid subjectivity and personalism, as well as to report the gain in the quality of analyses with the increase of experience as a substantive factor in the process of studying War and Military Sciences.

Keywords: Military Sciences; War Theory; Military Education; Professional experience; Content analysis.

Marco Aurélio Vasques Silva 

Exército Brasileiro. Batalhão de Manutenção e Suprimento de Aviação do Exército. Taubaté, SP, Brasil
marcovasques79@yahoo.com

Eduardo Xavier Ferreira Glaser Migon 

Exército Brasileiro. Comando Militar do Sudeste
São Paulo, SP, Brasil.
eduardomigon@gmail.com

Recebido: 06 fev. 2024

Aprovado: 13 dez. 2024

COLEÇÃO MEIRA MATTOS

ISSN on-line 2316-4891 / ISSN print 2316-4833

<http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/RMM/index>



Creative Commons
Attribution Licence

What genius does is the best rule, and theory can do no better than show how and why this should be the case¹.

Clausewitz. *On War* (1832, p. 136)

1 INTRODUÇÃO

Vários estudos acerca da guerra, da história militar e, conseqüentemente, das Ciências Militares, não datam deste século. Como exemplo, contemporaneamente, Strachan (1983, p. 6 *apud* Smith, 2004b, p. 56) assinala que, já na Alemanha do século XVIII, 16 novas revistas relacionadas às Ciências Militares surgiram entre 1766 e 1790. Contudo, apesar das iniciativas em estudar os fatos ou fatores que circundam a guerra, as permutações são infinitas, mas a experiência pessoal de combate de cada soldado sempre foi significativa (Strachan, 1988), demonstrando um potencial para colaborar com a compreensão do evento da guerra.

Do século XVI ao século XVIII, Maquiavel e a maioria dos escritores militares consideravam que a guerra poderia ser reduzida a uma ciência, não sendo, portanto, uma simples reflexão da razão, demonstrando a sua relevância para o mundo acadêmico, uma vez que a ciência se estrutura por fatos (Davies, 1968). Nesse contexto, atualmente, sempre é um grande desafio epistemológico realizar uma revisita ao conceito de guerra e a sua relação com as Ciências Militares.

Não obstante, considerando que o fenômeno da guerra não pode ser totalmente apreendido pelo estudo dos fatos que a cercam, busca-se neste trabalho ressaltar a pertinência dos conhecimentos daqueles que a vivenciaram de inúmeras maneiras², e não apenas por lugares abstratos. Dessa forma, este texto aborda, por uma nova perspectiva, a cotidiana visão de analisar apenas as causas da guerra, começando pelo estudo dos Estados, das organizações fundamentais, estratégias, entre outros, por vezes, desconsiderando as pessoas que sustentam e se beneficiam da guerra em detrimento das interações criadas. Assim, estudar a guerra, levando em conta a experiência como um fator significativo, requer que os seres humanos entrem em foco como os principais alvos da violência e do entusiasmo da guerra (Scarry, 1987; Shinko, 2011).

Além de tudo, não é objetivo principal debater e estabelecer o conceito e as causas da guerra, assim como aprofundar a inter-relação entre corpo, sexualidade, gênero e emoções, e sim, estabelecer um novo debate em relação à relevância da experiência profissional para os estudos de Ciências Militares, como área do conhecimento científico, no contexto do fenômeno da guerra.

Nesse contexto, torna-se oportuno diferenciar os termos percepção e experiência, a fim de facilitar a compreensão dos debates que se seguem. Segundo Ferreira (1989), a palavra experiência consolida uma habilidade resultante do exercício contínuo de uma profissão, arte ou ofício. Contudo, a palavra percepção consiste em um conhecimento adquirido pelos sentidos. Dessa forma, visualiza-se que a experiência é uma consequência dos atos que uma pessoa realiza repetidamente, diferente do termo percepção, que se baseia nos sentidos, tais quais audição, visão e outros.

1 “O que o gênio faz é a melhor regra, e a teoria não pode fazer melhor do que mostrar como e por que isso deve ser o caso” (tradução nossa).

2 Em sentido amplo, ao longo deste artigo adota-se o termo guerra (*war*) como equivalente e aglutinador das mais variadas formas de conflito entre entidades sociopolíticas (*warfare*).

2 REFERENCIAL EPISTEMOLÓGICO E METODOLÓGICO

De acordo com Tesser (1994), de uma forma geral, a ciência é fruto da cultura contemporânea, aglutinando uma amplitude de conhecimentos empíricos e pragmáticos da pesquisa aplicada, edificando, assim, a relevância da epistemologia. Dessa maneira, a definição da moldura filosófica dentro da qual as ideias serão exercitadas é de um caráter imprescindível, trazendo à tona os pressupostos filosóficos do método utilizado, além de conduzir a construção de soluções de forma objetiva para os problemas encontrados, adequadas à realidade da pesquisa científica.

Além do que, a avaliação das tendências teóricas e empíricas contextualizadas têm consequências benéficas, tais como o estímulo à discussão sobre os méritos relativos, contribuindo para o esclarecimento das posições epistemológicas, das metodologias e da comunicabilidade dos argumentos, além de intensificar a consciência e a reflexão.

A base epistemológica demonstra como o escritor visualiza e raciocina o ambiente ao seu redor. Por conseguinte, a epistemologia consiste no estudo criterioso das hipóteses e dos resultados das inúmeras ciências, transformando-se em uma teoria do conhecimento e influenciando sobremaneira na escolha futura dos desenhos e métodos de pesquisa que serão adotados (Tesser, 1994). Com isso, somado à dinâmica e complexidade dos temas que envolvem esta pesquisa, necessita-se de uma teoria com ligação com as diversidades, induzindo a uma conexão direta com a Teoria da Complexidade, inserida no final do século XX no meio acadêmico (Richardson; Cilliers, 2001).

Constata-se assim que a simples leitura dos conceitos epistêmicos não propicia o entendimento de forma clara entre as diferentes áreas científicas, sejam elas as Ciências Sociais (Byrne, 1997), as Ciências Políticas (Cairney, 2012), as Ciências Militares (Cameron; Larsen-Freeman, 2008). Assim, a Teoria da Complexidade propicia a integração descontínua dos conceitos, como também amplifica e amplia a compreensão, ofertando outras possibilidades fundamentadas no espaço e no tempo (Richardson; Cilliers, 2001).

Por conseguinte, a Teoria da Complexidade viabiliza a conexão entre os conhecimentos acerca da evolução do estudo da Guerra, a importância da experiência para os estudos científicos e as Ciências Militares. Com a exploração, classificação e interpretação dos conceitos epistêmicos, reconhecem-se os limites e obtém-se o entendimento da complexidade e da problemática, viabilizando uma perspectiva das partes menores e o entendimento da percepção do todo (Mitchell, 2009).

Metodologicamente, o texto edifica-se como uma pesquisa qualitativa, buscando os principais pontos de vista com relação aos temas em debate. Os diferentes entendimentos quanto ao tema possibilitam um debate profundo e a construção de outros entendimentos. O processo de coleta das informações colabora para a ilustração do conhecimento, arquitetando um universo de significados, e não se resumindo às variáveis (Minayo, 2001).

O universo de significados será tratado com o apoio do conceito de “análise de conteúdo” (Bardin, 1977), em que se extrai a tipologia, taxonomia e os indicadores associados (Franchi *et al.*, 2017), criando condições para o processamento e a fundamentação das conclusões dentro de um contexto social.

Para tanto, a pesquisa caracteriza-se por uma revisão bibliográfica de referências teóricas já analisadas, investigando e contrapondo as questões visualizadas. A associação de diferentes

perspectivas permite a compreensão da evolução conceitual da experiência e das Ciências Militares, inseridos no debate do conceito da Guerra, estruturando redes e alianças (Paris, 2004). A verificação sistematizada e integrada entre os conceitos possibilita uma isonomia no processo de investigação, contrapondo um conceito a outro e facultando uma melhor transparência ao processo.

Para tanto, a revisão da literatura buscou localizar e resumir os estudos sobre o tema central. Essa revisão incluiu alguns artigos conceituais e de opinião, fornecendo estruturas iniciais para pensar sobre as Ciências Militares e a experiência. A fim de alcançar uma revisão sólida, seguiu-se os seguintes passos.

Inicialmente, identificou-se as palavras-chave úteis para localizar os materiais nas diversas fontes online. As palavras-chave (Quadro 1) foram obtidas pela leitura prévia do *Livro da Guerra*, de Carl Von Clausewitz, de 1832, considerando os demais trabalhos, em ordem cronológica. Entretanto, a leitura prévia não teve como objetivo realizar um levantamento histórico sobre a epistemologia da Guerra, mas sim, manter, essencialmente, o foco nos conhecimentos obtidos a partir das experiências.

Com a definição das palavras-chaves, de acordo com as orientações de Lehmann (1990) e Coghlan e Brydon-Miller (2014), iniciou-se uma pesquisa nas principais bases de dados com os seguintes termos: Guerra, Violência e Experiência. Com o aprofundamento do tema central, foram incorporadas as seguintes palavras: Arte da Guerra, Ciências Militares e Clausewitz.

Quadro 1 – Detalhes do mapeamento de termos na literatura.

| Base de Dados | Strings de busca |
|-------------------------------|--------------------|
| Google academic | Guerra |
| Scientific Electronic Library | Violência |
| SciELO | Experiência |
| Science Direct | Arte da Guerra |
| CAPES | Ciências Militares |
| SAGE journals | Clausewitz |
| Routledge | |
| Fundação Getulio Vargas | |
| RAND Corporation | |

Fonte: elaborado pelos autores (2024).

Preliminarmente, localizou-se cerca de 70 artigos/livros/monografias de pesquisas relacionados ao tema. Considerando o número de citações, estabeleceu-se uma prioridade entre os artigos/livros para iniciar a leitura, a fim de aprofundar o tema. A todo momento, atualizou-se a lista de palavras-chave para abranger os principais autores que poderiam colaborar com a pesquisa. Para uma busca bibliográfica sólida, o autor analisou as bases de dados, quanto à relevância no meio acadêmico, para pesquisar, priorizar a literatura disponível, avaliar a qualidade da literatura antes de incluí-la na revisão da pesquisa, sempre realizando notas escritas e/ou resumos para cada fonte e organizar as fontes.

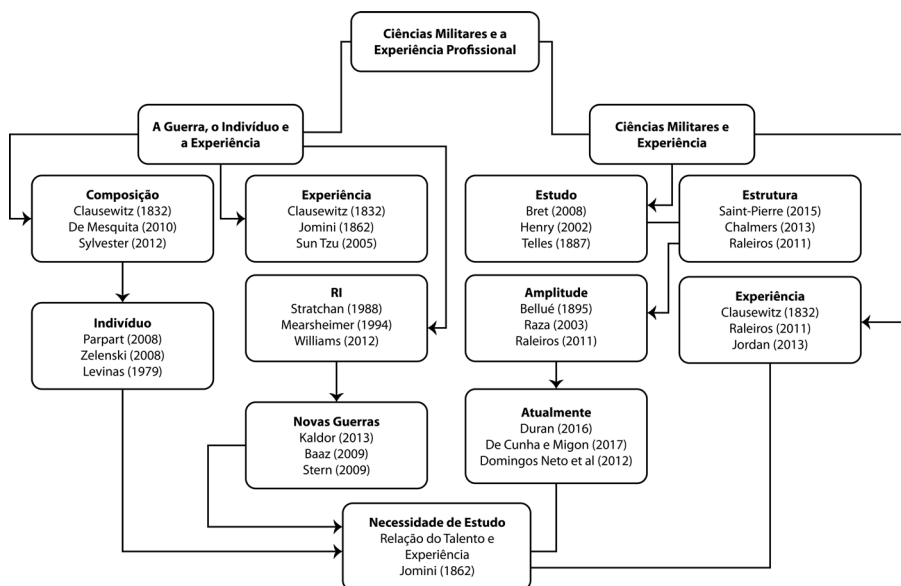
Os bancos de dados da literatura estão disponíveis na Internet, tais quais Google Academic, Scientific Electronic Library, Science Direct, Routledge, entre outros, são relevantes fontes de pesquisa. Esses bancos fornecem acesso fácil a milhares de periódicos, artigos de conferências e materiais sobre diversos tópicos, inclusive temas relacionados às Ciências Militares. Após a priorização, leu-se os resumos dos

artigos/livros para definir quais as fontes poderiam colaborar com o debate em tela. Das 70 fontes previamente encontradas, chegou-se a um total de 51 fontes que poderiam colaborar com o tema da pesquisa.

O processo de investigação realizou-se nas bases de dados elencadas no período de 4 de novembro de 2023 a 23 de setembro de 2024. O idioma utilizado para a pesquisa nos sites internacionais foi o inglês, em virtude da restrita coletânea de publicações no idioma português. Para a seleção do artigo/livro/monografia, foi visualizado o processo de avaliação que os periódicos utilizam para revisões, propiciando um acervo de fontes robusta, visto que o conselho editorial revisa os manuscritos, definem normas para aceitação, por meio de uma declaração editorial.

À medida que se identificou a literatura, iniciou-se a edificação de um mapa de literatura, por meio dos agrupamentos da literatura que poderiam ilustrar como a atual pesquisa poderia enriquecer a literatura existente, como também propor uma nova visão dentro do tema central da pesquisa, conforme a Figura 1 abaixo.

Figura 1 – Mapa da Literatura



Fonte: elaborado pelos autores (2024).

De acordo com Janovec (2001), esse mapa viabiliza um resumo visual da literatura, posicionando o estudo dentro da literatura existente e representando compreensivelmente o alinhamento teórico da literatura. O atual mapa foi organizado por meio de uma estrutura hierárquica, com uma apresentação da esquerda para a direita e de cima para baixo, terminando na parte inferior com o estudo proposto. Cabe salientar que alguns ramos são mais desenvolvidos que outros, visto a quantidade e a profundidade da exploração da literatura.

Após isso, iniciou-se uma leitura para a extração das ideias relevantes, assim como propiciar as referências precisas. Após a consolidação das principais ideias, estruturou-se os principais conceitos, dando uma sequência lógica no desencadear do pensamento, assim como visualizar as lacunas no tema central. Uma dessas lacunas no debate acadêmico se consolida, principalmente, quanto à abordagem da experiência profissional como um ponto relevante a ser considerado no estudo das Ciências Militares.

Após o trabalho de leitura e seleção, pode-se inferir que o debate acerca das Ciências Militares é um fenômeno antigo, não consensual e, praticamente, inesgotável, bem como, tem-se configurado temática de destaque crescente na comunidade acadêmica nacional e internacional (Da Cunha; Migon, 2019). Ainda assim, apesar desse debate, não é o objetivo deste artigo trabalhar tais definições, mas sim debater a relevância da experiência profissional para a intensificação dos estudos para as Ciências Militares.

3 A RELAÇÃO ENTRE A GUERRA E A EXPERIÊNCIA

Nas Relações Internacionais, na análise do fenômeno da Guerra, os indivíduos são alijados do processo de análise, generalizando os indivíduos e desconsiderando a identidade e, por conseguinte, a sua adquirida experiência (Caprioli, 2003; De Mesquita, 2010). Brighton (2011) comenta que as tradições centrais das Relações Internacionais reduzem a guerra a uma consequência de processos fundamentais, com unidades políticas, competindo em condições de anarquia, contradições de capital, extensão das normas democráticas e efeitos desordenadores da governança não democrática.

As Relações Internacionais, como ciência, associam a Guerra às tradições acadêmicas realistas, enfatizando os aspectos relacionados à segurança dos Estados, sendo assim a sua razão de ser (Mearsheimer, 1994; Williams, 2012). Os Estados utilizam as suas capacidades militares para conduzir a guerra, para atingir as metas traçadas. Contudo, os cidadãos de uma sociedade reconhecem a sublimidade da virtude militar como um valor que vai além da defesa do Estado e que a prontidão, para se arriscar a serviço de uma causa maior, evidencia tal suposição. Em resumo, os indivíduos desafiam seu próprio instinto natural de sobrevivência em busca de um objetivo compartilhado por uma comunidade (Williams, 2012).

Desse modo, os Estados hesitam quando se desviam dos cálculos racionais de custos e benefícios das ações, aceitando, por vezes, o risco de falharem na tentativa de se manterem competitivos e preparados. Tal situação pode ser observada à medida que o preço das *commodities* aumenta, a moeda se desvaloriza, colocando o comércio externo em perigo, enquanto o padrão de vida dos indivíduos reduz simultaneamente, sem, contudo, o Estado se importar (Williams, 2012).

Como exemplo, cita-se a política externa norte-americana em relação a Israel, descrita em *The Israel Lobby and American Foreign Policy*, de John Mearsheimer e Walt (2012), adotada logo após a guerra entre Israel e Líbano em 2006, em que as pessoas e suas experiências não foram levadas em consideração, objetivando apenas o bem-estar de Israel. Nesse contexto, constatou-se um conflito entre o que é estrategicamente desejável e o economicamente viável. Assim sendo, a estratégia não deve estar relacionada apenas a guerra e a política, mas também a guerra e os indivíduos (Stratchan, 1988).

Contudo, Christine Sylvester (2013) traz ao debate um posicionamento diferente abordado por Caprioli (2003), De Mesquita (2010) e Brighton (2011), em que o fenômeno da Guerra se compõe por indivíduos, inseridos no espaço e no tempo. Nesse ambiente, as pessoas extraem e absorvem as vivências que consideram úteis. Neto (2005) robustece a ideia de que a Guerra se torna um conflito de vontades, que nem sempre são controláveis e que a sua ocorrência ultrapassa o horizonte estreito reportado por Clausewitz (1832), demonstrando assim que não só os Estados e Nações se envolvem no fenômeno da Guerra, como também as pessoas.

Clausewitz (1832) salienta que a investigação, a arte da observação, a filosofia e a experiência não devem ser desprezadas e nem excluir umas às outras, visto que, na guerra, quanto mais fracas

forem os motivos para a ação, mais esses motivos serão influenciados pela experiência, determinando a diferença entre o ataque e a defesa. Em complemento, Sun Tzu (2005) revela que, com o passar do tempo, cada vez mais as oportunidades de acumular experiência se tornam mais raras.

Jomini (1862) acrescenta que, nas batalhas ou nas guerras, a teoria se torna um guia incerto; pois, nas situações de emergência, o talento nunca poderá ser superado, nem ser um substituto para suplantar um olhar transmitido pela experiência de um general, forjado na bravura e frieza dos combates. Ressalta-se que os resultados esperados não podem ser previstos com certeza, fazendo com que as suposições sejam desfeitas e outras sejam criadas (Jomini, 1862).

No conjunto das certezas, infere-se que a guerra interrompe as reivindicações do pensamento fundamental, como um processo de reciprocidade violenta numa tentativa de captura conceitual, sendo assim conduzido pela experiência. Ademais, com a Guerra, o processo de determinação do ponto decisivo de uma batalha se torna uma ação complexa, contudo, a habilidade e a experiência fazem a diferença, fazendo com que a teoria decresça de peso (Brighton, 2011).

Todavia, ao estudar a guerra sob o viés da experiência, Sylvester (2013) sinaliza alguns tipos de adversidades, sendo duas delas, a experiência e o corpo. Quanto à experiência, costuma-se medir com base nas vivências opressivas que se passam (Grant, 2013). Essa experiência pode ser coletada nos relatos das pessoas, de como elas viveram e trabalharam. Nos estudos sobre as experiências na guerra, concentra-se no indivíduo, isto é, em torno do que aconteceu com o seu corpo e como este reagiu aos estímulos da zona de guerra (Parpart; Zalewski, 2008).

Nesse contexto, a guerra não está apenas no ato de ferir ou aniquilar, e sim, na interrupção da continuidade do desenvolvimento dos indivíduos, materializado na experiência adquirida durante a sua vida (Levinas, 1979). Em complemento, Clausewitz (1832) destaca que a experiência da guerra, em que as certezas são constantemente desfeitas, constitui uma ordem de desordens, na qual os combatentes ou indivíduos envolvidos não são apenas unidades de cálculo estratégico, mas também repositórios de significados, retrabalhando as relações sociais e políticas (Levinas, 1979).

Diante desse cenário, surge uma necessidade de um engajamento mais descritivo e reflexivo em relação à experiência, visto as evidências entre a guerra e a experiência. Uma das questões levantadas seria “onde” observar para adquirir a experiência daqueles que vivenciaram a guerra (Brighton, 2011). Arendt (2006) contextualiza que a guerra é uma herança deixada sem testamento, visto que aquilo que foi vivenciado não é de apenas um indivíduo, e sim, de todos os envolvidos. Além do que, tal experiência pode conduzir a mudanças, a fim de se evitar o que foi vivenciado.

Vivienne Jabri (2007) aborda uma outra forma de adquirir experiência em relação à Guerra, podendo ocorrer de diferentes formas, dependendo das circunstâncias que ocorrem, por exemplo, em relação ao nível de envolvimento nos conflitos. Nessa situação, pode-se exemplificar no modo que pessoas se envolvem na guerra, em uma maior ou menor distância, tal como aqueles que produzem materiais ou aqueles envolvidos diretamente nos combates. Tal conjuntura demonstra uma significativa diferença na experiência adquirida pelas pessoas envolvidas.

Judith Butler (2011) complementa que a experiência depende ainda da entidade física, social, entre outras características³, distinguindo sexo, como biologia corporal; e gênero, como práticas sociais atribuídas às diferenças biológico-reprodutivas. Shane Brighton e Barkawi (2011) argumentam que a

3 Para se aprofundar no tema “sexo e gênero”, sugere-se a leitura do artigo de Judith Butler (2011).

guerra se consolida como uma forma de relação social, abrangendo as relações econômicas e tecnológicas, o que possibilita um reordenamento do conhecimento e das identidades sociais.

Ainda no contexto da guerra, Mary Kaldor (2013) reporta um novo conceito em torno de “novas guerras”, no período Pós-Guerra Fria, em que as novas tensões estão alinhadas ao crescimento da violência política indiscriminada, devido às relações sociais modificadas pelos conflitos. Essas relações estão conectadas ao processo de globalização (Barkawi; Brighton, 2011), em virtude da facilidade de acesso à informação e a sua difusão, entre outros, com o objetivo de criar medo, contrariando a ideia de paz e segurança (Baaz; Stern, 2009; Kaldor, 2013).

Na conjuntura das “novas guerras”, uma outra ideia surge, segundo MacKenzie (2012), de que as mulheres e as crianças constituem uma parte vulnerável do conflito. Nessa situação, pode-se registrar que muitas dessas mulheres e crianças participam ativamente em diversos embates, como em Serra Leoa. Contudo, as experiências desses indivíduos não são consideradas, deixando assim de adquirir uma imagem mais definida da guerra, por meio de diferentes pontos de vista, caso tais relatos fossem agregados (Elshtain, 1987; Das, 2006).

Ainda, Shane Brighton (2011) ressalta que a quebra de alguns paradigmas é difícil de ser superado por parte das Relações Internacionais, como incluir a análise da experiência da guerra ao nível do indivíduo. Para tanto, o grande desafio se consolida em criar uma cadeia de teorias que possam conectar os diferentes níveis de experiência com os diferentes significados; incluindo, nesse universo, os indivíduos, grupos, burocracias, economias, estados, organizações internacionais, entre outros. (Brighton, 2011). Com tais relatos, pode-se observar que a experiência perpassa diferentes pontos de vista, desde a experiência vivenciada por aqueles que estão imersos, como também a experiência vivenciada por aqueles que conduzem as batalhas e trabalham diretamente em prol da guerra, adquirida com o tempo.

Apesar de tudo, Christine Sylvester (2007) ressalta que as Relações Internacionais são abrangentes, com espaço para uma enorme variedade de interesses, abordagens e investigações cruzadas.

4 A RELAÇÃO ENTRE AS CIÊNCIAS MILITARES E A EXPERIÊNCIA

No final do século XVIII, Sebastião Telles (1887) relatou, em algumas palavras de Napoleão I, a relevância da experiência para os militares, como um conhecimento científico (Henry, 2008). Alinhado a esse pensamento, Bret (2002) reporta uma conversa entre Berthollet⁴ e Napoleão, que demonstra a preocupação do comandante militar com a dificuldade em se obter o conhecimento à época, principalmente, quanto ao modo de julgar a importância e a precisão dos conhecimentos adquiridos para a pesquisa científica e a produção do conhecimento, com relação ao fenômeno da Guerra.

Tal pensamento encontra guarida nas palavras de Thomas Kuhn⁵, em sua obra *The structure of scientific revolutions* (1962, p. 21), quanto aos fatos observados no passado e hoje:

4 Químico francês, nascido em 1748 e falecido em 1822, que se dedicou aos estudos em diversos campos da química. Claude-Louis Berthollet estudou em Turim e depois em Paris. Iniciou a publicação das suas investigações em 1776 e, em 1780, foi eleito membro da Academia Francesa. Em 1798, Napoleão confiou-lhe a organização do trabalho científico na expedição ao Egito, onde criou o Instituto do Egito.

5 Thomas Kuhn (1922-1996) foi um físico norte-americano e estudioso no ramo da filosofia da ciência, estabelecendo teorias que desconstruíam o paradigma objetivista da ciência. Segundo ele, as teorias científicas estão sujeitas a questões e debates do meio social, dos interesses e das comunidades que as formulam (Bartelmebs, 2012).

Quanto mais cuidadosamente estudam a dinâmica aristotélica, a química flogística ou a termodinâmica calórica, tanto mais certos tornam-se de que, como um todo, as concepções de natureza outrora correntes não eram nem menos científicas, nem menos o produto de idiossincrasias do que as atualmente em voga.

Ampliando mais a magnitude dos assuntos correlatos, Jover (2008) pontua que o estudo do fenômeno da guerra possibilita uma melhor instrução para as forças armadas, além de garantir uma segurança mais robusta para o Estado, com base nas observações e experiências vividas no campo de batalha.

Nesse contexto, Domingos Neto *et al.* (2012, p. 210) acrescenta que “não há Estado ou sociedade que não prescindam de aparelhos de força e a história não registra sociedades imunes ao derramamento de sangue”, além do que, em um ambiente permeado pela guerra, o oficial não se distingue do cidadão e o poder político confunde-se com o poder militar (Domingos Neto *et al.*, 2012). Tal proximidade de relações demonstram a íntima associação de vivências e experiências.

Para tanto, a ciência trabalha com hipóteses formadas pela mente, requerendo criatividade e experiência (Smith, 2004a). Nessas circunstâncias, o desafio é organizar os fatos de tal forma que a desconfiança nos julgamentos seja minimizada. Além disso, essa organização deve buscar possibilitar a validação, por meio de testagem, que envolvam procedimentos rotineiros e objetivos, que não requerem julgamentos subjetivos por parte do observador (Chalmers, 2013).

Em palavras, Ferreira (1989) traz a ideia de que a ciência é um conjunto de conhecimentos sobre determinado objeto, adquiridos por meio da observação, tendo como base uma metodologia. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (2017) organiza as áreas do conhecimento em dez grandes áreas ou ciências, a saber, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas, Engenharias, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes e, por fim, multidisciplinar, demonstrando a amplitude da taxonomia da conceituação da compreensão.

Domingos Neto *et al.* (2012, p. 208) reforça que a área do conhecimento consiste, basicamente, em um “conjunto de conhecimentos inter-relacionados, coletivamente construídos, reunidos segundo a natureza do objeto de investigação, com finalidades de ensino, pesquisa e aplicações práticas”.

Entre as diversas perspectivas existentes, a CAPES (2017) e o CNPQ (2007) adotam uma taxonomia que robustece a relação do conteúdo das Ciências Militares com a área de Humanas, além de se apropriar dos conhecimentos das Ciências Políticas e das Relações Internacionais. Expandindo mais o horizonte do conhecimento, Domingos Neto *et al.* (2021) sinaliza a possibilidade da criação da área “Defesa e Segurança”, que reuniria os cientistas e pesquisadores afeitos a Ciências Humanas, em particular, aos temas relacionados a Ciências Militares, tais quais Pensamento Estratégico, Políticas de Defesa e Segurança, Estudos Militares e Instituições de Defesa, demonstrando a relevância dos conhecimentos envolvidos nos debates.

Raleiras (2011) observa também que a ciência está ligada à materialização de uma estrutura de conhecimentos, relacionados a objetos da mesma natureza, com uma organização de aprimoramento ininterrupto de novas percepções. À proporção que se especifica o saber, viabiliza-se

o surgimento de novas áreas do conhecimento, alinhado com as ideias de Kuhn⁶ (1962) acerca da crise dos paradigmas. Em complemento, Migon (2014) ressalta o caráter heterogêneo do desenvolvimento da ciência e a possibilidade dos vários tipos de abordagens.

Contudo, a definição da taxonomia da ciência não se define como tarefa simples, no contexto das Ciências Militares, em virtude da existência de múltiplos fatores que estão presentes no fenômeno da guerra e de interesse de outras Ciências (Raleiras, 2011). Além do que, a ciência consiste também em um acontecimento político, sendo adequado indagar a quem interessa, assim como induz as decisões que influenciam a comunidade científica, que desenvolve, dá publicidade e gere a ciência (Saint-Pierre, 2015).

Clausewitz (1832) quando afirmou que a guerra é a continuação da política por outros meios (Domingos Neto, 2005), demonstra que a guerra não envolve apenas um fator. No final do século XVIII, Bellvé (1895) reforçava que as Ciências Militares agrupavam um conjunto de disciplinas em que o saber está ligado à forma de como conduzir a guerra, por meio da análise, ligando-se aos conhecimentos relativos à existência da sociedade e dos seres humanos. Além disso, Clausewitz (1832) considerava o fenômeno da guerra como um acontecimento social e a sua relação com outras áreas, assim definindo a Arte da Guerra, originando a construção e o desenvolvimento das perspectivas que direcionariam às Ciências Militares.

Jordan (2013) estabelece também que as Ciências Militares simbolizam uma análise das partes que compõem os Estados, Exércitos e os indivíduos, em conjunto ao estudo da guerra, com base nas teorias e postulados que se dedicam à utilização das Forças Armadas. Raza (2003) complementa que a compartimentalização do saber pode evoluir, transmutar-se e desaparecer, de acordo com integração das áreas do conhecimento, proporcionando uma nova abordagem, sem impedir o seu avanço. Da Cunha e Migon (2017) reforçam que a Ciência e a Arte Militar são aspectos inseparáveis na condução da Guerra e que o caráter científico do estudo da guerra consiste em investigar a essência dos fenômenos que a envolvem, além de viabilizar as ligações entre esses fenômenos e a natureza das partes (Clausewitz, 1832).

As Ciências Militares são balizadas por um conjunto de saberes relacionados à arte bélica, sobretudo, por meio da experiência e observações das guerras e dos conflitos (Brasil, 2010). Essa experiência e observações dão corpo à doutrina de emprego de uma força armada, evidenciando-se os princípios da guerra e das operações militares, com base em uma metodologia que leva em consideração o processo decisório nos diversos níveis operacionais, conduzido por indivíduos (Raleiras, 2011). Em resumo, as Ciências Militares delimitam-se em uma área científica independente, representando uma série de habilidades referentes ao aprendizado do fenômeno bélico, de forma dinâmica e evolutiva, sem uma metodologia específica, o que permite o intercâmbio interdisciplinar e um enriquecimento científico (Saint-Pierre, 2015).

No entanto, a finalidade das Ciências Militares não se traduz na produção de doutrina militar, visto que existe uma distinção conceitual entre a produção doutrinária e a produção de estudos científicos. A produção doutrinária assimila conhecimentos sem uma metodologia ou

6 Para Thomas Kuhn (1962), o paradigma é um conjunto de saberes e fazeres que garantem a realização de uma pesquisa científica. O paradigma determina até onde se pode pensar, uma vez que dados e teorias, sempre que aplicados a uma pesquisa, irão confirmar a existência desse paradigma. A crise de paradigmas consiste nas mudanças conceituais e procedimentais que ocorrem dentro de um campo do saber. Ela surge dentro da chamada ciência normal, por meio de anomalias que não se conformam às formas tradicionais de conceber o processo e o produto científico (Kuhn, 1962).

questionamento adequado. Já a produção científica tem como cerne o debate aberto de conceitos, dos métodos e dos resultados, a fim de buscar a essência do conhecimento (Domingos Neto *et al.*, 2012). Em outras palavras, para se atingir a confiabilidade desejada, a utilização de uma metodologia se torna necessária para que se possa edificar um ordenamento hierárquico dos procedimentos, objetivando a meta traçada, sem determinar o objeto nem a forma de abordagem (Raza, 2003).

No Brasil, o estudo das Ciências Militares vem sendo incrementado, conforme aborda Duran (2016), tendo como consequência a consolidação de um grupo cada vez maior de cientistas, como também uma integração do público acadêmico brasileiro, principalmente, ao longo da década de 1990. Essa integração coopera para uma melhor visibilidade acerca do tema, junto à Sociedade Brasileira, por meio da introdução de pautas afins, no âmbito dos debates acadêmicos.

Além do mais, a própria reestruturação do Ministério da Defesa (Brasil, 2018, 2019), a partir de 1999, foi outra iniciativa para a intensificação do debate em torno dos temas ligados às Ciências Militares. Pode visualizar-se ainda outras iniciativas do Governo Federal, tais quais, a implementação da Política de Defesa Nacional (PDN) (Brasil, 2012a), que condiciona o planejamento das ações destinadas à Defesa Nacional, voltada para ameaças externas; a Estratégia de Defesa Nacional (END) (Brasil, 2012a), que reorganiza e reorienta as Forças Armadas, e outras ações, propiciando a execução da Política Nacional de Defesa e fortalecendo a imagem do Brasil internacionalmente; e o Livro Branco de Defesa Nacional (LBDN) (Brasil, 2012b), que se soma à PDN e à END, dando publicidade e transparência às informações do segmento de defesa brasileiro. Reforçando essa iniciativa, Domingos Neto *et al.* (2012) ressalta que somente com demandas e medidas governamentais concretas que se poderá pensar em um aperfeiçoamento e uma edificação do conhecimento científico.

Congregando esforços, a efetivação de Programas de Pós-Graduação, na área de Ciências Militares, como a criação do Instituto Meira Mattos (IMM), da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) (Brasil, 2013), estrutura pioneira dentro das Forças Armadas, incrementa os esforços em aprofundar o saber na área das Ciências Militares. Essa iniciativa tem como consequência a construção de um novo modelo de profissional militar compreensivo e habilitado no processo de tomada de decisão, capaz de identificar a complexidade das situações e, à vista disso, antever as possíveis soluções (Duran, 2016).

Além de tudo, a criação do Instituto Meira Mattos⁷, com o viés de intensificar a integração das Forças Armadas, em particular, do Exército Brasileiro com a sociedade e o meio acadêmico (Brasil, 2016), possibilita o crescimento da produção de pesquisas científicas, realizada por militares e civis⁸, em prol do Exército Brasileiro, bem como o desenvolvimento, análise e publicidade da doutrina militar terrestre (Da Cunha; Migon, 2017). Pode-se assim dizer que essa nova estrutura de ensino acompanha a evolução do ensino militar no Brasil, particularmente, em virtude aprovação da Lei nº 9.394, de 20 de novembro de 1996 (Brasil, 1996), possibilitando, no âmbito das Ciências Militares, um alinhamento e embasamento legislativo que viabiliza uma equiparação com outras áreas de estudo, de acordo com as normas estabelecidas pelo Governo Federal, em particular, o Ministério da Educação (Da Cunha; Migon, 2017).

⁷ Para se aprofundar na estrutura e objetivos específicos dos cursos do Instituto Meira Mattos, sugere-se a leitura do artigo “Ensino de Pós-Graduação no Brasil: as Ciências Militares” (Da Cunha; Migon, 2017).

⁸ Anualmente, o IMM lança um edital convocando voluntários militares e civis para concorrerem ao processo seletivo.

Essa institucionalização do ensino em Ciências Militares, por parte do Instituto Meira Mattos, contribui para a formação de comandantes e pesquisadores compreensivos para o entendimento dos preceitos básicos e o orquestramento das relações sociais, no âmbito da academia e da sociedade (Domingos Neto *et al.*, 2012). Assim como, reforça a aproximação das Ciências Militares com a experiência dos que fazem parte dessa nova área do conhecimento, visto a possibilidade da inserção dos militares e civis em um mesmo ambiente de pesquisa e debate, propiciando ainda uma troca de experiências tanto acadêmica quanto profissional entre as partes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio tem como objetivo expor algumas reflexões acerca da importância da experiência profissional em prol das Ciências Militares, proporcionando uma revisita quanto à relação da experiência com a guerra. Para tanto, iniciou-se com um aprofundamento do tema quanto à pertinência da experiência vivida pelos indivíduos que estão envolvidos com a guerra, permitindo a melhor compreensão do próprio fenômeno da guerra, assim como as suas consequências.

Em função da própria natureza do objeto de estudos, buscou-se uma visão interdisciplinar, visto que a experiência não é um ponto a ser observado apenas nas Ciências Militares, tal como observado por Thomas Kuhn (1962) em suas citações.

Fruto do debate apresentado, a ideia de reconsiderar a tendência de exilar os indivíduos e, por conseguinte, a sua experiência, seja pessoal ou profissional, do debate em torno das Relações Internacionais exige um aprofundamento amplo no campo filosófico. Além disso, caberia, empiricamente, um direcionamento para uma teorização das diversas maneiras possíveis de visualizar como e quais experiências são importantes e como essas experiências moldam e são moldadas pela guerra.

Com base nas propostas anteriores, visualiza-se uma transformação significativa no debate das Relações Internacionais, e não menos, da própria Ciência Militar, viabilizando o esclarecimento de várias suposições, tal como o valor do indivíduo e de sua experiência profissional na análise do fenômeno da guerra. Essa mudança de perspectiva possibilitaria um crescimento nas possibilidades de análise, principalmente, quanto à própria experiência adquirida pelos indivíduos, que poderia ser identificada e explorada. Assim, os inúmeros locais frequentados por pessoas comuns ficaram invisíveis, uma vez que as RI destacam em suas análises os Estados, as estratégias, entre outros, excluindo os indivíduos.

Essa nova concepção filosófica sobre a guerra e a experiência possibilitará a interação e integração de uma ampla gama de literaturas, ficcionais e factuais, das Ciências Sociais e das artes e humanidades, em busca das percepções, ligações, locais e tipos de experiência de guerra inesperados ou ambíguos, incrementando o aperfeiçoamento das interpretações e do panorama da guerra. Tal concepção se beneficiará de uma série de abordagens negligenciadas ou marginalizadas pelas Relações Internacionais.

Alinhado às ideias de Clausewitz (1832), nessa nova forma de observar a realidade da guerra, os indivíduos serão mais bem compreendidos, proporcionando um ganho intangível, visto que os comandantes carregam todo o aparato intelectual de seu conhecimento dentro de si. Embora esse conhecimento possa ser aplicado inconscientemente, essa nova concepção só pode ser desenvolvida por meio de julgamento e experiência, reavaliando continuamente os princípios que extraiu do passado e buscando novas ideias para o futuro.

Para tanto, deve-se buscar uma metodologia clara e precisa para o registro e análise dos fatos narrados pelos indivíduos, visto que a Ciência deve se basear no que se pode ver, ouvir e tocar, e não em opiniões ou imaginações. Se a observação do mundo for realizada de maneira cuidadosa e sem preconceitos, os fatos observados constituirão uma base segura e objetiva para a ciência (Chalmers, 2013).

Quanto às Ciências Militares, observa-se uma evolução cada vez maior, demonstrando um corpo de conhecimentos robusto, uma metodologia própria, uma finalidade única e um núcleo de disciplinas específicas, proporcionando-lhe uma autonomia relevante em relação a outras áreas do conhecimento (Raleiras, 2011). As Ciências Militares asseguram a distinção entre os elementos estratégicos, políticos, sociais, entre outros, tão necessários para o suporte da força militar e o sucesso das ações na paz ou na guerra (Da Cunha; Migon, 2017).

Em complemento, as Ciências Militares cumprem um papel fundamental no âmbito da sociedade, proporcionando a qualificação de estudantes e pesquisadores para o debate em defesa, oferecendo a possibilidade da capacitação profissional, supervisão de projetos e o gerenciamento dos assuntos de defesa (Raza, 2004).

A interação entre os alunos civis e militares, como ocorre no Instituto Meira Mattos, reforça a relevância da experiência profissional nos estudos de Ciências Militares, propiciando uma visualização dos assuntos de defesa de um outro ponto de vista. Da mesma forma, essa interação auxilia os alunos militares na iniciação das metodologias de pesquisa e o contato com outras áreas do conhecimento, como as Relações Internacionais, demonstrando a relevância da experiência profissional dos dois grupos.

Com base nos pontos abordados, infere-se que as Ciências Militares se consolidam por meio de visão e metodologia própria, o que possibilitará uma análise particular dos temas, em virtude das experiências que os estudiosos e cientistas terão sobre os assuntos debatidos, fortalecendo as conclusões obtidas.

Contudo, verifica-se que a relação da experiência com a guerra inicia-se desde os primeiros estudos, mesmo que incipientes, já apontado nas ideias de Clausewitz (1832). Observa-se que a experiência profissional se torna conhecimento significativo para a edificação das análises produzidas nas Ciências Militares, ratificando seu valor no âmbito dos debates e das análises produzidas. Tal mudança de paradigma encontra suporte na própria crise de paradigmas abordada por Thomas Kuhn (1962).

Além de tudo, como proposta de novos estudos, caberia iniciar uma investigação para a análise de qual a medida a ser considerada a experiência profissional para a observação do fenômeno da guerra.

REFERÊNCIAS

- ARENDT, H; KOHN, J. **Between past and future**. London: Penguin Books, 2006.
- BAAZ, M. E.; STERN, M. Why do soldiers rape? Masculinity, violence, and sexuality in the armed forces in the Congo (DRC). **International Studies Quarterly**, [s. l.], v. 53, n. 2, p. 495-518, 2009.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edição 70. 1977.
- BARKAWI, T; BRIGHTON, S. Powers of war: Fighting, knowledge, and critique. **International Political Sociology**, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 126-143, 2011.
- BARTELMEBS, R. C. **Resenhando as estruturas das revoluções científicas de Thomas Kuhn**. [S. l.]: [s. n.], 2012.
- BELLVÉ, M. R. **Diccionario de ciencias militares**. Administración de la Revista Científico Militar y Biblioteca Militar. [S. l.]: [s. n.], 1895.
- BRASIL. **Decreto Nr 13.844, de 18 de junho de 2019**. Estabelece a organização básica dos órgãos da Presidência da República e dos Ministérios; altera as Leis nos 13.334, de 13 de setembro de 2016, 9.069, de 29 de junho de 1995, 11.457, de 16 de março de 2007, 9.984, de 17 de julho de 2000, 9.433, de 8 de janeiro de 1997, 8.001, de 13 de março de 1990, 11.952, de 25 de junho de 2009, 10.559, de 13 de novembro de 2002, 11.440, de 29 de dezembro de 2006, 9.613, de 3 de março de 1998, 11.473, de 10 de maio de 2007, e 13.346, de 10 de outubro de 2016; e revoga dispositivos das Leis nos 10.233, de 5 de junho de 2001, e 11.284, de 2 de março de 2006, e a Lei nº 13.502, de 1º de novembro de 2017. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2019.
- BRASIL. **Decreto Nr 9.570, de 20 de novembro de 2018**. Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança do Ministério da Defesa e altera o Decreto nº 9.031, de 12 de abril de 2017, o Decreto nº 8.905, de 17 de novembro de 2016, e o Decreto nº 6.944, de 21 de agosto de 2009. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2018.
- BRASIL. **Lei Nr 9.394, de 20 de novembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1996.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Comando do Exército. Departamento de Educação e Cultura do Exército. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. **EB60-RJ-11.002**. Regimento interno do programa de pós-graduação em ciências militares - stricto sensu. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2016.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Comando do Exército. Estado-Maior do Exército. **Portaria 734-EME, de 19 de agosto de 2010**. Conceitua Ciências Militares, estabelece a sua finalidade e delimita o escopo de seu estudo. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2010.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Decreto nº 5484, de 30 de junho de 2005**. Política Nacional de Defesa e Estratégia Nacional de Defesa. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2012a.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Lei Complementar nº 136, de 25 de agosto de 2010**. Livro Branco de Defesa Nacional. p. 282. Brasília: DF: Ministério da Defesa, 2012b.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 1.009, de 10 de outubro de 2013**. Reconhecimento dos programas de pós-graduação stricto sensu, recomendados pelo Conselho Técnico-Científico (CTC) da Educação Superior da Capes. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2013.

BRET, P. L'État, l'armée, la science. **L'invention de la recherche publique en France (1763-1830)**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2002.

BRIGHTON, S. Three propositions on the phenomenology of war. **International Political Sociology**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 101-105, 2011.

BUTLER, J. **Bodies that matter: On the discursive limits of sex**. London: Routledge, 2011.

BYRNE, D. Complexity theory and social research. **Social Research Update**, [s. l.], v. 18, n. 6, p. 230, 1997.

CAIRNEY, P. Complexity theory in political science and public policy. **Political Studies Review**, [s. l.], v. 10, n. 3, p. 346-358, 2012.

CAMERON, L.; LARSEN-FREEMAN, D. Complex systems and applied linguistics. **International Journal of Applied Linguistics**, [s. l.], v. 17, n. 2, p. 226-240, 2007.

CAPES - COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Tabela das Áreas de Conhecimento da Ciência**. Brasília, DF: CAPES. 2021.

CAPRIOLI, M. Gender equality and state aggression: The impact of domestic gender equality on state first use of force. **International Interactions**, [s. l.], v. 29, n. 3, p. 195-214, 2003.

CHALMERS, A. **What is this thing called science?** Indianápolis: Hackett Publishing, 2013.

CLAUSEWITZ, C. V. **Da guerra**. São Paulo: Martins Fontes. 1979 (1832).

CNPQ - CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **Tabela de Áreas do Conhecimento**. Brasília, DF: CNPq. 2007.

COGHLAN, D.; BRYDON-MILLER, M. (Ed.). **The SAGE encyclopedia of action research**. London: Sage, 2014.

DA CUNHA, R. S. P.; MIGON, E. X. F. G. Ensino de pós-graduação no Brasil: as Ciências Militares. **Revista Brasileira de Estudos de Defesa**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 2017.

DA CUNHA, R. S. P.; MIGON, E. X. F. G. As Ciências Militares e a configuração dos Estudos de Defesa como área do conhecimento científico. **Coleção Meira Mattos: Revista das Ciências Militares**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 46, p. 9-28. 2019.

DAS, V. **Life and Words: Violence and the Descent into the Ordinary**. San Francisco: University of California Press, 2006.

DAVIES, J. J. **On the Scientific Method**. London: Longman. 1968.

DE MESQUITA, B. B. **The predictioneer's game**: Using the logic of brazen self-interest to see and shape the future. London: Random House Trade Paperbacks, 2010.

DOMINGOS NETO, M. 2005. O militar e a civilização. **Tensões Mundiais**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 37-70. 2005.

DOMINGOS NETO, M. *et al.* **Seminário sobre a configuração dos Estudos da Defesa como área do conhecimento científico**: reunião conjunta ABED-CPDOC/FGV. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas. 2012.

DURAN, D. Pesquisa na Educação Superior Militar: uma perspectiva pedagógica. **Revista Brasileira de Estudos de Defesa**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2. 2016.

ELSHTAIN, J. B. **Women and War**. New York: Basic. 1987.

FERREIRA, A. B. de H. 1989. **Minidicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

FRANCHI, T.; MIGON, E. X. F. G.; VILLARREAL, R. X. J. Taxonomy of interstate conflicts: is South America a peaceful region? **Brazilian Political Science Review**, [s. l.], v. 11, n. 2, p. e0008, 2017.

GRANT, J. **Fundamental feminism**: Contesting the core concepts of feminist theory. London: Routledge, 2013.

HENRY, J. **The scientific revolution and the origins of modern science**. London: Bloomsbury Publishing, 2008.

JABRI, V. **War and the transformation of global politics**. London: Springer, 2007.

JANOVEC, T. **Procedural justice in organizations**: A literature map. Unpublished manuscript. Nebraska: University of Nebraska–Lincoln. 2001.

- JOMINI, A. H. **The Art of War**. [S. l.]: [s. n.], 1998 (1862).
- JORDAN, K. C. Military Science. **Encyclopedia of Military Science**. [S. l.]: [s. n.], 2013. p. 881-886.
- JOVER, F. G. **Glosarios y diccionarios militares del siglo XIX**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. 2008.
- KALDOR, M. **New and old wars**: Organised violence in a global era. [S. l.]: [s. n.], 2013.
- KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997 (1962).
- LEATHERMAN, J. **Sexual violence and armed conflict**. Polity, [s. l.], 2011.
- LEHMANN, R. H. **Educational Research, Methodology, and Measurement**. An International Handbook. [S. l.]: [s. n.], 1990.
- LEVINAS, E. **Totality and infinity**: An essay on exteriority. London: Springer Science & Business Media. 1979.
- MACKENZIE, M. H. Loving Your Enemy. In: MACKENZIE, M. H. **Female Soldiers in Sierra Leone**. New York: New York University Press, 2012. p. 117-136.
- MEARSHEIMER, J. J. The false promise of international institutions. **International Security**, [s. l.], v. 19, n. 3, p. 5-49, 1994.
- MEARSHEIMER, J.; WALT, S. The Israel Lobby. **The Domestic Sources of American Foreign Policy**: Insights and Evidence. [S. l.]: [s. n.], 2012.
- MIGON, E. X. F. G. Planeando a Defesa: algumas reflexões. **Revista de Ciências Militares**, Rio de Janeiro, v. 2. 2014.
- MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petropolis: Vozes, 2001.
- PARIS, R. Introduction. In: ROLAND, P. **At War's End**: building peace after civil conflict. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 1-10.
- PARPART, J. L.; ZALEWSKI, D. M. (Ed.). **Rethinking the man question**: Sex, gender and violence in international relations. London: Bloomsbury Publishing, 2008.
- RALEIRAS, M. **Um fim ou uma fase do processo educativo das Forças Armadas**. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos Superiores Militares, 2011.

RAZA, S. G. A questão da cientificidade nos Estudos de Defesa. **Política Externa**, [s. l.], p. 91-110, 2003.

RICHARDSON, K.; CILLIERS, P. What is complexity science? A view from different directions. **Emergence: Complexity and organization**, [s. l.], v. 3, n. 1, 2001.

SAINT-PIERRE, H. L. Ensaio sobre os Estudos de Defesa e a comunidade que os pratica. **Revista Brasileira de Estudos de Defesa**, [s. l.], v. 2, n. 2, 2015.

SCARRY, E. **The body in pain**: The making and unmaking of the world. [S. l.]: [s. n.], 1987.

SHINKO, R. Ethics after Liberalism: Why (Autonomous) Bodies Matter. **Millennium: Journal of International Studies**, [s. l.], n. 3, p. 723-745. 2011.

SMITH, Hugh. **On Clausewitz**: a study of military and political ideas. London: Springer. 2004b.

SMITH, H. **Carl von Clausewitz**: Historical and Political Writings. Princeton: Princeton University Press. 2004a.

STRACHAN, H. **European armies and the conduct of war**. London: Routledge. 1988.

SUN TZU. **A Arte da Guerra**. São Paulo: Madras. 2005.

SYLVESTER, C. **War as experience**: Contributions from international relations and feminist analysis. London: Routledge. 2013.

SYLVESTER, C. Whither the International at the End of IR? **Millennium**, [s. l.], v. 35, n. 3, p. 551-573. 2007.

TELLES, S. **Introdução ao estudo dos conhecimentos militares**. 3. ed. Lisboa: Edições Cosmos, 2001 (1887).

TESSER, G. J. **Principais linhas epistemológicas contemporâneas**. Educar em Revista, [s. l.], n. 10, p. 91-98. 1994.

WILLIAMS, H. Kant and Just War Theory: The Problem Outlined. In: WILLIAMS, H. **Kant and the End of War**. London: Palgrave Macmillan, 2012. p. 40-55.